

A CRÍTICA FEMINISTA ARTICULADA AO LITERÁRIO

Marlene Rodrigues Brandolt*

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente ensaio consiste em um estudo da crítica feminista articulado ao gênero, visto como modo de discutir a hegemonia masculina na história contemporânea do literário. Trata-se de uma revisão sobretudo acerca das colocações de Lúcia Zolin sobre tendências preconizadas pela teoria anglo-americana, francesa e brasileira na construção de identidade e do lugar da diferença. Para tanto, entendo ser relevante pontuar o jogo de ambivalências que a cultura detém em sua estrutura histórica, sob a perspectiva de Zygmunt Bauman. Associo o conceito de cultura flexível à atitude eurocêntrica a qual pressupõe a análise do gênero nas relações com diferentes histórias e geografias, como estabelece Ella Shohat entre outros pesquisadores. Para contemplar a análise em sua materialidade literária, tomo a leitura e interpretação oferecida pela crítica feminista a partir de duas obras: *Navegações* (1996), de Sophia de Mello Andresen, e *O rio do meio* (1996), de Lya Luft, que permitem interconexões com a ficção e a realidade num exame sobre estruturas sociais que negociam escolhas em contraponto à opressão instituída historicamente.

Palavras-chave: Crítica feminista. Literário. Cultura. Hegemonia.

Apesar de as regiões terem as suas especificidades, a ideia é discutir comunidades não como isoladas umas das outras, na medida em que todas as histórias e geografias estão mutuamente implicadas. Elas devem ser analisadas umas em relação às outras [...] no interior de uma rede que é ao mesmo tempo local e global (SHOHAT, 2001, p. 150).

No âmbito da Literatura e da Crítica Literária, acentua-se o fluxo do movimento feminista desde os anos de 1960, quando a mulher é motivo de teses e pesquisas em diferentes áreas, como a Sociologia, a Psicanálise e a Antropologia, que comentam as desigualdades culturais e políticas, como forma de denúncia da submissão do feminino a diversas formas de opressão social. A circulação dessas ideias tem efeito nas leituras e interpretações do texto literário feminista, o qual “preconiza a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher, não



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina sob orientação da profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart. Possui graduação em Letras Licenciatura Plena pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (1979) e mestrado em História da Literatura pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (2005). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Escrita Feminina e em EaD. E-mail: mbrandolt@yahoo.com.br.

apenas em termos legais, mas também em termos da prática social”, conforme Lúcia Osana Zolin (2009, p. 218) discute em “Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura”.

De modo geral, as tendências teóricas nomeadas por Zolin buscam compreender a experiência feminista em suas posições e percepções na relação de gênero com outros segmentos de classes sociais que ultrapassem o empreendimento masculino. Em resumo, a crítica feminista tem colaborado para discussões nos centros acadêmicos, bem como aponta para os diversos papéis sociais exercidos pela mulher. Há uma disposição abrangente de rever as localizações periféricas, como instrumento de percepção e reflexão do novo *habitat* humano, onde as mulheres retomam a ambiguidade da história cultural associada a uma cultura hegemônica. Isso implica projetar outros tipos de conduta, pressupondo escolhas de legislar as próprias vidas, tendo em vista que as opções mobilizam também novas formas de contradições, geradas pelas práticas feministas.

Tomo, com o auxílio de Lúcia Zolin, entre outros pesquisadores, para ler e interpretar *Navegações* (1996), de Sophia de Mello Andresen, e *O rio do meio* (1996), de Lya Luft, por constituírem estéticas que servem como instrumentos de leitura da crítica feminista a qual ultrapassa o pensamento universal de oposição homem/mulher, para questionar a prática patriarcal na contemporaneidade, a compreensão do próprio período e da construção identitária feminista, cujas escrituras somam “esforços para grandes empreitadas” (SCHMIDT; RAMOS, 1999), cujos referenciais devem servir como elementos de ressignificação de algumas abordagens da trajetória literária. As obras indicadas mesclam relatos históricos e ficcionais, momentos em que as narradoras atuam contra a ação corrosiva do tempo hegemonicamente legado pela tradição masculina, para resgatarem a condição de leitora e a afirmação de escritora suscitando outros textos para “saber melhor quem somos” (LUFT, 1996, p. 62).

Incluo a inserção das poéticas nomeadas como materialização da crítica literária, por apontarem caminhos do gênero formado por construções sociais nas quais a linguagem feminista, entendida como movimento que alarga seus significados para incluir a diversidade das lutas, segundo Lúcia Zolin (2009). Similarmente, *Navegações* e *O rio do meio* universalizam o feminino, termo atribuído pelas convenções sociais à mulher, cuja produção estética se percebe como voz entre outras vozes “como uma grande barca” (ANDRESEN, 1996, p. 9), instigando nas leitoras formas de constituírem seus próprios relatos de vida. Encontra-se, nos versos de Sophia e na prosa de Lya Luft, a cisão de emoções imersas na realidade, trazendo à baila circunstâncias sócio-históricas da experiência narrável feita por

meio do olhar feminino e não apenas codificado pela sociedade colonizadora “como a maior parte das coisas desta vida [...] – por isso mesmo material inesgotável para a arte” (LUFT, 1996, p. 100).

Por conseguinte, este ensaio percebe as articulações de gênero como visão heterogênea de um mundo que pode revelar novas possibilidades engajadas nos processos literários de Sophia e de Lya Luft. Artistas conscientes da posição da mulher leitora e escritora, ao buscarem “um teto todo seu”, marcam suas literaturas como uma arte que interfere na tradição literária, uma vez que “As obras-primas não são frutos isolados e solitários, são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto, de um pensar através do corpo, das palavras, de modo que a experiência da massa está por traz da voz isolada” (WOOLF, *apud* ZOLIN, 2009, p. 223). Ambas refletem a vivência da mulher por meio do diálogo com as diferentes áreas do conhecimento e rejeitam uma manifestação estética única, propiciando uma crítica em favor do heterogêneo, ao contestarem a estrutura patriarcal a qual submete o sistema social feminista.

É válido dizer que *Navegações* e *O rio do meio* oferecem um exame cuidadoso da crítica feminista, com ênfase no estudo de gênero, termo que Lúcia Zolin (2009, p. 218) usa como uma relação entre os diferentes grupos que o constituem, considerando-o, portanto, como “categoria que implica diferença sexual e cultural”. Zolin, sem negar a composição biológica do gênero, enfatiza mais a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos, maneira como ele se manifesta na construção social e histórica contemporânea.

Uma síntese das obras pode ser assim reformulada: os versos de Sophia Andresen (1996, p. 15) reúnem a sensibilidade, a intelectualidade e o comprometimento político e remetem à imagem dos grandes descobrimentos portugueses, propiciando ao leitor¹ uma avaliação do trabalho de deslocamento de culturas por expedições ultramarinas que “desceram as âncoras escuras/ Daqueles que vieram procurando/ O rosto real de todas as figuras”. Em Lya, há a superação da angústia a que as mulheres foram submetidas e, de certo modo, alude a essa história, para observar sobre o que mudou sobretudo a partir de 1968. Época que deve servir como referência do movimento feminista contemporâneo, quando a mulher se expressa não apenas mediante protestos, mas pela produção de livros, jornais e revistas “falando do que [a] assusta desde criança, dialogando com o fascinante – às vezes trevoso – [...] nas atividades mais cotidianas” (LUFT, 1996, p. 13).

¹ Para uma leitura mais fluente, o termo leitor será, na maioria das vezes, referido no masculino, tendo em conta a diversidade de gênero.

Uma série de críticos(as) feministas, precisamente nos Estados Unidos e na França, têm gestado, a partir da década de 1960, debates acerca do espaço relegado à mulher na sociedade, cuja postura subjugada é associada às práticas culturais de um contexto histórico-cultural no qual ela se insere. Com a publicação da tese de doutorado *Sexual Politics*, em 1970, Kate Millet, escritora estadunidense, a crítica feminista tem assumido o papel de discutir as bases tradicionais de um gênero sobre o outro, conforme se constrói histórica e politicamente. Isso porque a autora, ao apontar para as formas como o patriarcado controla a sexualidade feminina, mostra a possibilidade de subverter tal posição social e cultural por meio de uma linguagem com valores do mundo feminista.

Com arguição destabilizadora das adversidades determinadas por uma sociedade de servidão ao homem, a produção representada por Kate Millet revê formas de ambiguidade da identidade feminista, em particular, no âmbito do cânone literário, considerando-o como lugar privilegiado para a experiência social feminina. Saliento que a historiografia literária brasileira construída a partir de textos canônicos, principalmente de autoria masculina, resultou no apagamento da produção feminina, em especial, do século XIX. No século XX, a partir dos anos 80, desenvolveram-se em outros países e, no Brasil, estudos referentes ao lugar da mulher na sociedade, com pesquisas que remetem a discussões sobre a mulher leitora-escritora, o cânone literário e as produções colocadas à margem.

Em meados de 1980, contemplando a trajetória dos estudos feministas, a crítica francesa, estabelecida por Hélène Cixous, interessada “no sentido de identificar uma possível linguagem feminina” (ZOLIN, 2009, p. 231) assume a linguagem como ponto central de seus estudos. Com isso, institui a quebra da ordem simbólica restritiva masculina, propiciando à mulher a expressão de si própria como resistência à ideologia que historicamente regula o saber patriarcal sobre a literatura. Nesse sentido, as concepções da pesquisadora anglo-americana e da crítica francesa contribuem para a revisão das noções de identidade feminista, entendida como um lugar de posições múltiplas e variáveis dentro do campo social com o qual o feminismo tem se estruturado ao longo do tempo, transformando-se em um dos posicionamentos teóricos e políticos entre as lutas contemporâneas contra a sujeição, a opressão e a dominação.

Resulta dessas percepções a noção de gênero substituindo a tendência da distinção homem/mulher pelo ponto de vista da crítica feminista, como uma das razões para a compreensão do lugar de uma linguagem, em que o gênero desconstrói o alicerce de uma política baseada nas relações de poder. Segundo Lúcia Zolin (2009, p. 239) as concepções

anglo-americana e francesa exigem incluir uma análise textual, por meio da qual sejam examinadas as relações de gênero com outras relações sociais. Para a estudiosa, o problema na estrutura de uma e outra teoria está no fato de se apresentar fixa, uma vez que a primeira reforça a mulher como “outro” em relação ao homem, e a segunda, por sua vez, julga, em especial, a falta de uma linguagem em oposição à hegemônica masculina ocidental condição insuficiente de um projeto feminista mais amplo.

Lembra Zolin (2009, p. 237) que a crítica Spivak, indiana radicada nos Estados Unidos, revê teorias que possam ser utilizadas para articular as mulheres politicamente, reconhecendo, contudo, suas temporalidades e densidades divergentes, para favorecer as vozes que foram caladas por forças políticas dominantes ocidentais. Em síntese, Spivak considera outros centros geográficos e de opressão fora das fronteiras marcadas pelo Ocidente, quase esquecidos no estudo desenvolvido pela análise da francesa Cixous.

Ao teorizar sobre gênero, Spivak sugere não ignorar as várias camadas de subordinação tais como raça, etnia, classe, orientação sexual, idade, religião, nacionalidade etc. A pesquisadora estabelece-as como categorias que não podem ser reduzidas unicamente à opressão de gênero ou eixos da diferença, pois se encontram mutuamente articuladas ao processo feminista, o que “expande significativamente o conceito de gênero, passando a formulá-lo como parte do conjunto heterogêneo de relações móveis, variáveis e transformadoras do campo social” (COSTA, 2002, p. 80). A abordagem indicada por Spivak e Costa problematiza a visão singular do “gênero” como categoria conceitual para intervir nas estruturas da desigualdade social. Ambas propõem uma teoria feminista contemporânea que propicie estudos da relação conjunta entre os sujeitos e suas histórias, “juntamente com as práticas políticas que as articulam [de modo que] possam ser melhor compreendidas e, por que não, melhor vivenciadas em nível emocional” (COSTA, 2002, p. 85).

Se na Europa e nos Estados Unidos os escritos ligados à mulher e sua representação na literatura datam da década de 1970, período avaliado como divisor de águas, por acompanhar a reconstrução pós-guerra e o desmantelamento do sistema colonial, obtendo uma profunda reforma das estratégias de vida, ao abrir “as portas para o admirável mundo novo de fronteiras removidas ou vazadas, o dilúvio de informações, a globalização galopante” (BAUMAN, 2007, p. 55), no Brasil, reflete-se o mesmo aspecto de transformação da crítica feminista estrangeira, voltado ao fortalecimento da remoção da exclusão no campo literário.

Segundo Boletins do GT Mulher e Literatura da Anpoll (ZOLIN, 2009, p. 239), os estudos brasileiros acerca da autoria feminina são consolidados por volta de 1980, por meio

de intercâmbios estrangeiros determinados pelas vertentes anglo-americana e francesa acerca de conceitos de identidade e diferenças percebidas no contexto transnacional. Essas colocações compreendidas à luz das percepções elencadas servem como referência à crítica feminista contemporânea, a qual passa a interferir nas circunstâncias sócio-históricas das práticas determinantes na produção da literatura, desorganizando a ideologia dominante para revigorar o projeto feminista.

Se, por um lado, as produções críticas promovem a quebra do imaginário masculino instituído no inconsciente coletivo, por outro, mantêm práticas de repetições imperialistas ao instalarem “uma nova hierarquia social” que assegura a repetição de rotinas e padrões de comportamento já existentes (BAUMAN, 2007, p. 59). Por conseguinte, a cultura feminista instalada na contemporaneidade pode transitar “entre a tarefa da autoconstituição e o fato de ser constituíd[a]” (BAUMAN, 2012, p. 22), gerando uma cultura da autocrítica, bem como ainda apresentar-se como instrumento contínuo da ordem social vigente.

Em outras palavras, o processo de fronteiras, com uma conexão europeia, toma forma de questionamento na crítica de Shohat, iraquiana radicada nos Estados Unidos. Em suas pesquisas, ela ilustra a autoridade imposta à interpretação de histórias de mulheres, verbalizadas também por movimentos feministas silenciadores de narrativas locais, ao projetarem uma ideologia de identidades sociais fixas capazes de “suportar e devolver suas pressões”, conforme Zygmunt Bauman (2012, p. 18).

Em síntese, a idéia de cultura, projetada por Zygmunt Bauman (2012, p. 18) em *Ensaio sobre o conceito de cultura*, assimila uma experiência histórica “que significa tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; novidade e tradição; rotina e quebra de padrões [...] inesperado e o previsível”. Ao analisar os instrumentos que norteiam a cultura, o autor a considera enquanto produtora de ambivalências, as quais incorporam toda a estrutura do fluxo da vida, o que gera a invenção, a autocrítica e, da mesma forma que a cultura, [o viver] apresenta-se como instrumento “da continuidade – uma serva da ordem social” (BAUMAN, 2012, p. 22).

Vale mencionar que a ideia de Bauman acerca de cultura como criação ambivalente, instigada pelo impulso de assimilar, do ponto de vista intelectual, uma experiência inegavelmente histórica, lembra a crítica de Shohat no que diz respeito aos estudos das representações do feminino, voltados à construção do gênero num jogo relacional com instituições, forças políticas e econômicas nas quais a mulher está inserida.

Ella Shohat, ao decidir-se pela crítica ao “eurocentrismo contemporâneo [visto como] resíduo discursivo ou sedimentação do colonialismo, processo através do qual os poderes europeus atingiram posições de hegemonia econômica, militar, política e cultural” no contexto de diferentes continentes, discute com Robert Stam (SHOHAT; STAM, 2006, p. 42) em *Crítica da imagem eurocêntrica* as raízes da crítica pós-colonial entre os estudos da pesquisa feminista sob um ângulo “de disputa de discursos e posicionalidades contraditórias [...]” (SHOHAT, 2002, p. 159). A autora compreende que ao reproduzir a forma de poder gestada pelas exigências do campo social dentro do qual está situado, o movimento feminista provoca o enfraquecimento de resistências, na retomada de discussões antieurocêntricas.

A situação de grupos fechados aludido por Ella Shohat (2002, p. 88) traz o problema, que não diz apenas respeito ao passado organizado pelo homem, uma vez que essas práticas ainda suscitam debates. Na defesa de sua escolha em oposição ao quadro hegemônico cultural, ela reavalia discursos reducionistas que contam e celebram práticas feministas, que promovem um universo feminino separado, especialmente aqueles relativos às experiências de deslocamento sobre os quais se erguem fronteiras em torno dos sujeitos, fato que “os Estados Unidos vêm tendo um papel central e opressivo”.

Para descentralizar comunidades isoladas, Ella Shohat (2002, p. 88) tenta romper com um tipo de discurso feminista eurocêntrico do Ocidente que, em nome de um sistema anticolonialista, procura reter o poder de nomear e de narrativizar. Assim, refere-se à crítica a grupos subjugados a outro padrão de desigualdade “que imagina mulheres lutando para empoderar-se no ‘ocidente’ e posteriormente difundirem suas concepções de vida para o mundo ‘atrasado’”. A autora narra o feminismo, entendendo que não é apenas individual, mas também social, isto é, transnacional, uma vez “que todas as histórias e geografias estão mutuamente implicadas” (SHOHAT, 2001, p. 150), conforme diz na epígrafe apresentada na abertura deste trabalho.

Ao perceber a vida social em geral numa permanente construção, Shohat propõe conexões que confrontem a noção das práticas culturais da mulher com a produção literária, como forma de recuperar a identidade feminista. Desse modo, procura construir modos de perceber o feminino a partir de sua pluralidade histórica, dialogando com o gênero e propiciando um avanço no que diz respeito à linguagem feminista. Decorre, então, o conceito de gênero que se define por um lugar privilegiado para o conhecimento social feminista com o intento de perceber, na contemporaneidade, a inserção literária da mulher como lugar para o

conhecimento social feminista. Com isso, a pensadora alerta para o direito literário e legal do feminino, na construção do não-lugar das mulheres na história e na cultura.

A direção assumida pela pesquisadora iraquiana coloca o lugar social das mulheres em discussão acerca das probabilidades de obediência a uma estética produzida por um passado próximo, ao lado da capacidade de ação e mudança coletiva, incluindo diálogos entre e com culturas sob o cuidado de não silenciar as marcas de identidade de gênero historicizado. Ao formular ideias ligadas às representações feministas de diferentes origens, Ella Shohat (2001, p. 149) favorece uma leitura em que as mulheres falem sobre “suas visões e seus trabalhos alternativos”, relacionando o movimento aos deslocamentos de comunidades e práticas sociais. Com efeito, ela propõe o entrecruzamento de diferentes manifestações culturais e estéticas que deve ser examinado em relação ao feminino em determinados contextos e circunstâncias diversas. Como resultado, o pensamento feminista de Shohat abrange o conceito de cultura que “inclui tudo o que [a pessoa] pensa e faz” (2001, p. 149), sem esquecer a diversidade geográfica, a era de imigração propiciada pela atração entre local e global.

Navegações e O rio do meio podem contribuir para a leitura dos estudos culturais, da crítica feminista e “para essas histórias [...] da Ásia oriental e da ocidental: histórias que culturalmente pouco têm a ver umas com as outras, mas que, em um contexto de múltiplos deslocamentos, [...] estranhamente fazem eco umas para as outras” (SHOHAT, 2002, p. 102). São produções artísticas representativas de uma dinâmica histórico-cultural determinada pela mulher inserida na política e na literatura, sabendo que “Traz dentro de si uma nova pessoa: sabe que não é mais a mesma, nada é como antes” (LUFT, 1996, p. 107).

Apesar do universo historicamente moldado pela ditadura patriarcal, Sophia e Lya Luft glosam “o passado sob a luz do presente e vice-versa, comunicando-se não na voz desinteressada da terceira pessoa, que tem sido marca da história ocidental convencional, mas de uma maneira completamente engajada com o drama do grupo” (CHISHOLM, apud SHOHAT; STAM, 2006, p. 416). Asseguram suas estéticas com uma linguagem poética feminina na qual “caminha quem, como eu, ofuscada pela luz que vem de cima, examina a sombra instigante que se estende embaixo, e nessa indagação vive parte de seu destino” (LUFT, 1996, p. 17). Motivo por que articulam, em suas narrativas, ritmos históricos diversificados e transformações interligadas do imaginário histórico, político e cultural de tradições ocidentais e não-ocidentais de onde

[...] surgiram as ilhas luminosas

De um azul tão puro e tão violento
Que excedia o fulgor do firmamento
Navegado por garças milagrosas (ANDRESEN, 1996, p. 13).

À guisa de conclusão: em Sophia e Lya Luft, a sintaxe feminina e a composição leitora/escritora vencem os conflitos gerados pelo choque de ideologias impostas e instauram suas obras com consciência da realidade corpórea e das escolhas marcadas no “Verso a verso” (ANDRESEN, 1996, p. 37). Reinventam uma linguagem feminina feita “a um só tempo plenitude e privação, orgulho e insegurança” (LUFT, 1996, p. 107), que se relaciona com o mundo masculino e com o mundo, sem tentar uma nova forma de poder. Ao abordar a multiplicidade cultural e a afinidade homem/mulher, as poetisas desmobilizam os contornos do eurocentrismo, permitindo ao leitor compreender que a comunicação com outros representantes não deve reduzir as próprias existências.

Resultam das considerações elencadas perspectivas evocadas pela crítica feminista acerca da construção de identidades heterogêneas, como forma de equilibrar forças antagônicas culturais e sociais experimentadas pelas mulheres. Entendo que a inscrição dos versos de *Navegações* e da prosa de *O rio do meio* neste trabalho pode remeter a futuras pesquisas concernentes às diferentes formas de acolhimento a outras culturas, bem como inserir estudos sobre a permanência do estereótipo cultural da mulher silenciada nas intervenções sociais feministas e ainda suscitar uma interpretação mais contundente do gênero ligado à história do movimento feminista contemporâneo, como produto de revisão cultural que reconhece a condição da mulher e como ela vivencia isso.

Sophia e Lya têm suas obras interconectadas com a crítica feminista, a qual prevê um convite constante à mudança na formação identitária “sempre mutável, nem sempre previsível” (LUFT, 1996, p. 101) de sujeitos, que desafiam o sistema controlador de ações humanas. E para romper “com os discursos sacralizados da tradição” (ZOLIN, 2009, p. 218), é preciso assegurar uma poética feminista em favor das alianças culturais, caracterizadas como formas inconclusas e de permutações possíveis que propiciam discutir relações de gênero articuladas aos temas sociais, étnicos e de classe na sociedade contemporânea. Para tanto, a leitura e a interpretação de *Navegações* e *O rio do meio* intercalam imagens poéticas a uma dinâmica simbólica de reflexão, como parte do contínuo diálogo com o papel da mulher e dos estudos culturais nas relações sociais e acadêmicas.

Os critérios interpretativos ora estabelecidos revertem os valores masculinos, em favor de novas percepções de autoria, dentre outros pressupostos que desorganizam a ideologia dominante e revigoram o projeto feminista. Portanto, as escritas literárias aqui

apresentadas, podem servir como pressupostos teóricos do feminismo, ao suscitarem uma análise do gênero acerca das significativas mudanças, marcadas por novos horizontes de expectativa no campo intelectual, artístico, cultural e linguístico.

Referências

ANDRESEN, S.M.B. *Navegações*. Lisboa: Caminho, 1996.

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

COSTA, C. L. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 19, p. 59-90, 2002. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a04.pdf. Acesso em: 12 dez. 2012.

LUFT, L. *O rio do meio*. São Paulo: Mandarin, 1996.

SHOHAT, E. *Estudos de área, estudos de gênero e as cartografias do conhecimento*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

SHOHAT, E. Feminismo fora do centro. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 9, n.1, p. 147-163, 2001.

SHOHAT, E. A vinda para a América: reflexões sobre perda de cabelos e de memória. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 99-117, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11631.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

SHOHAT, E.; STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SCHMIDT, Simone Pereira; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Escritoras Brasileiras do século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 7, n. 1 e 2, p. 246-250, 1999. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11995/11270>>. Acesso em: 09 Jul. 2015.

ZOLIN, L. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.

[Recebido em maio de 2014 e aceito para publicação em março de 2015]

The feminist criticism connected to the literary

Abstract: This paper presents a study of the feminist criticism connected to gender, seemed as a manner of discuss the male hegemony in the contemporary literary history. This is a review of Lucia Zolin comments about the trends advocated by the Anglo-American, French and Brazilian theories in the construction of identity and the difference's spot. To this end, I believe that is important to tally the ambivalence's game that culture maintains in its historical structure, from the perspective of Zygmunt Bauman. As Ella Shohat and other researchers, I associate the concept of flexible culture to the eurocentric attitude which presupposes the

analysis of gender on the relations with different histories and geographies . In order to contemplate materiality of the analysis, it was chosen the reading and interpretation of feminist criticism offered by two masterworks: *Navegações* (1996), by Sophia de Mello Andresen, and *O rio do meio* (1996), by Lya Luft, that allow interconnections between fiction and reality on an examination of social structures that mediate choices in opposition to historically established oppression.

Keywords: Feminist Criticism. Literary. Culture. Hegemony.

